



VII Colóquio Internacional sobre Educação Profissional e Evasão Escolar

V Workshop de Educação Profissional e Evasão Escolar

TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NA ESCOLA: CISHETERONORMATIVIDADE E A REJEIÇÃO SOCIAL

Vicente Rosa Gualberto da Silva¹, Andrea Maila Voss Kominek²

¹ *Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Brasil)*

² *Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Brasil)*

mx.rosags@gmail.com, amvkominek@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar quais as estratégias desenvolvidas por estudantes travestis e transexuais do ensino fundamental e médio para permanecerem no ambiente escolar, e os impactos disso no entendimento enquanto indivíduo desses sujeitos. A pesquisa ocorrerá através dos seguintes passos: revisão bibliográfica para o levantamento de categorias para nortear e analisar as entrevistas, relacionando com os temas de gênero, sexo, sexualidade e Psicologia Histórico-Cultural; pesquisa de campo, para aproximar o pesquisador do seu objeto de estudo, com entrevistas semi-estruturadas, com um roteiro pré-estabelecido e flexível, na qual se procura investigar como o ambiente escolar ajudou a moldar o entendimento de gênero das participantes, e como isso repercutiu no próprio gênero enquanto travesti ou transexual; análise dos dados, que ocorrerá através de um diálogo entre os conhecimentos advindos da revisão de literatura e as situações e estratégias mais relatadas nas entrevistas, através da elaboração de categorias de análise. Com isso, tem-se como resultado esperado da pesquisa demonstrar como a cisheteronormatividade se torna uma forma de controle social de pessoas trans, e como isso delimita o espaço social no qual sua estadia é aceita e encorajada.

Palavras-chave: Gênero, educação, transexualidade, escolarização, exclusão escolar.

ABSTRACT

The present work intends to analyze what are the strategies developed by travesti and transexual students in middle grade and high school to stay in the school environment and the impacts of that on their understanding as an individual. The research will happen by the following steps: a literature review to establish categories through which to guide



and analyze the interviews, in relation to the themes of gender, sex, sexuality, and Historical-cultural Psychology; field research, to let the researcher get closer to their study subject, by semi-structured interviews, with a flexible pre-established script, which tries to investigate how the school environment helped shape the participant's understanding of gender, and how that reverberated on their own gender as travesti and transexual individuals; data analysis, which will happen through a dialogue between the data gathered in the literature review and the most situations and strategies related during the interviews, through the concoction of the category of analysis. With that, there's an expected research result demonstrating how the cisheteronormativity becomes a form of social control for trans people, and how that bounds the social spaces in which their stay is welcomed and encouraged,

RESUMO EXPANDIDO

A população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) tem ganhado espaço na mídia e conquistas nos últimos anos. Os debates sobre gênero e sexualidade costumam ser mais presentes dentro dos espaços acadêmicos e de militância por direitos às populações consideradas subalternas. Porém, nem todas as pessoas dentro desse grupo são vistas e tratadas da mesma forma. Como aponta Oliveira (2020), há uma higienização da população LGBT sendo gays e lésbicas brancos, de classe média e cisgêneros os mais visíveis e tidos como a forma “aceitável” de ser LGBT. Nascimento (2021) aponta como também se tenta construir essa imagem dentro do movimento feminista, às custas das mulheres trans.

Os relatórios anuais da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2021) e do Grupo Gay da Bahia (2020) demonstram como a maior parte dos assassinatos contra LGBTs são de pessoas trans, especialmente mulheres trans negras. Também é o grupo mais precarizado no mundo do trabalho, com um grande contingente na prostituição ou subempregos como telemarketing, por exemplo (TOITIO, 2015). Estima-se que 90% das travestis e transexuais brasileiras estão na prostituição (LAPA, 2013, apud TOMAZELLI, 2016).

É comum a tentativa de se explicar a sexualidade e o gênero através da biologia, reprodução humana e os aparatos relacionados, ou ainda que se coloque o gênero em oposição ao sexo biológico, como proposto por Gayle Rubin (PISCITELLI, 2004). Tal



VII Colóquio Internacional sobre Educação Profissional e Evasão Escolar

entendimento dessas categorias supera o biológico, e não se pode analisá-las meramente através de cromossomos, genitais, hormônios etc. Esses dualismos propostos (sexo/gênero, cultura/biologia) serão criticados posteriormente por outras feministas, porém é um marco importante nos estudos feministas para desnaturalizar os gêneros e suas supostas diferenças, como apontou Piscitelli (2004).

Através da história, culturas e sociedades, construímos o entendimento de sexualidade e gênero. Ou seja, ser mulher ou homem no século XXI é diferente dos outros passados, assim como é distinto para as múltiplas sociedades e culturas. Por conta disso, encontramos diferentes gêneros, sexualidades e expressões de gênero nos diferentes países e povos. Ser heterossexual e cisgênero não é inerente ao ser humano, e, portanto, não deve ser tratado como natural.

Pessoas com as mais variadas sexualidades e gêneros existiram, existem e sempre existirão, sob outras denominações e categorias. Um exemplo são as pessoas “dois espíritos”, presentes em vários povos originários: não são homens ou mulheres, mas um terceiro gênero, e assumem a posição social que desejarem (KER, 2020).

Atualmente utilizamos os termos gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), entre outros, para designar as pessoas que não se conformam no padrão normativo. As primeiras letras (LGB) referem-se à atração sexual e afetiva, sendo para o outro gênero (lésbicas e gays) ou para o seu gênero e outros (bissexuais). A letra T, por sua vez, refere-se às travestis e transexuais, pessoas que não pertencem ao gênero designado ao nascer.

Como tais conceitos são geralmente confundidos e dados como sinônimos, é preciso explicá-los mais detalhadamente. Sexo biológico é a junção de noções de cromossomos, genitais, hormônios etc., com o sexo masculino, feminino e intersexo (características de ambos os sexos). Os gêneros masculino e feminino, por sua vez, levam mais em conta questões culturais e sociais de identificação, que se modificam com o momento histórico. Assim, é designado um gênero para o indivíduo baseado principalmente nos genitais (parte do sexo biológico).

Essa situação de vulnerabilidade social normalmente é agravada também pela baixa escolarização das pessoas trans. O ensino no Brasil, em geral, apresenta taxas de desistência alarmantes: a terceira maior taxa entre os países com o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e na América Latina (UOL EDUCAÇÃO, 2013, apud



VII Colóquio Internacional sobre Educação Profissional e Evasão Escolar

SILVA FILHO E ARAÚJO, 2017). Apenas 1,8 milhão, dos 3,6 milhões de estudantes matriculados no ensino médio, irá concluir esse grau (SILVA FILHO E ARAÚJO, 2017). A taxa de abandono, assim, é de “13,3% no ensino médio contra 6,7%, de 5ª a 8ª série, e 3,2%, de 1ª a 4ª série” (BRASIL, 2007, apud SILVA FILHO E ARAÚJO, 2017). O país possui ainda a menor média de anos passados estudando. São 7,2 anos, contra 9,4 anos no Chile (líder do ranking na América Latina), de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento/Pnud (UOL EDUCAÇÃO, 2013, apud SILVA FILHO E ARAÚJO, 2017). Dada essa realidade, é imprescindível coletar mais dados que permitam estudar possibilidades de enfrentamento dessa situação. Exatamente nesse ponto encontramos várias barreiras. No Brasil, as maiores pesquisas não incluem perguntas sobre pessoas LGBT, como o feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O cancelamento da pesquisa do IBGE programada para 2021 (OLIVEIRA, 2021) apresenta um dos problemas enfrentados por pessoas trans, uma vez que, sem dados, não se sabe quais os problemas que enfrenta uma população.

Como o pesquisador responsável por elaborar e encaminhar a presente pesquisa e, ao mesmo tempo, sendo um dos poucos (talvez o único) aluno trans no Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), a sensação de solidão e falta de compreensão pelos pares é constante. Trata-se de algo que distancia um pouco dos colegas, uma vez que não há como saber quem pode reproduzir discursos de ódio contra a população LGBT (LGBTfobia), mas especialmente transfóbicos. Lidar com um sistema que não está apto para te receber, desde antes mesmo de ser aceito no programa, passa a impressão de que aquele espaço não te pertence. O sentimento de culpa por ser quem é, ao se descobrir LGBT é comum (SANTOS, 2014), por não se enquadrar nos padrões impostos

Trata-se de um lugar que não foi pensado para pessoas como você. Então surge a pergunta: o que você quer fazer aqui, ocupando esse lugar? Se todo ser humano é igual, por que se ater aos detalhes? É para questionar essas afirmativas e desafiar esses conceitos que se apresenta essa pesquisa.

Com a presente proposta de pesquisa espera-se conhecer as estratégias desenvolvidas por travestis e transexuais para permanecer no ambiente escolar, demonstrando como não é uma questão de abandono por escolha própria, mas repetidas tentativas de expulsão de tais discentes da escola. Além disso, pretende-se elucidar os



VII Colóquio Internacional sobre Educação Profissional e Evasão Escolar

impactos psicológicos que isso causa no processo de escolarização e na formação da identidade travesti e transexual.

V Workshop de Educação Profissional e Evasão Escolar

Espera-se, com essa pesquisa, demonstrar como a cisheteronormatividade se torna uma forma de controle social de pessoas trans, e como isso delimita o espaço social no qual sua estadia é aceita e encorajada. O ambiente escolar, além de ser um local de estudo, também é um local de socialização para as crianças, além de ser um período marcante no desenvolvimento desses indivíduos. A escola não é apenas onde se estuda, mas, de acordo com Senkevics e Carvalho (2015), é também um ambiente de lazer e brincadeiras. Privar travestis e transexuais desse convívio é uma das formas de exclusão dessas pessoas, e é necessário investigar como isso ocorre e suas consequências.

Compreensão de como a escola molda as expectativas e noções de gênero de travestis e transexuais, e como essas estratégias desenvolvidas para conseguir permanecer nesse local impactam sua subjetividade.

Em relação à metodologia, inicialmente se realizará uma revisão de literatura, em sites reconhecidos, como sciELO e CAPES, sobre a experiência trans no ambiente escolar, uma vez que “propósito geral de uma revisão de literatura de pesquisa é reunir conhecimentos sobre um tópico”, de acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 103). Assim, para além de conhecer a experiência individual dos indivíduos entrevistados, é de suma importância reconhecer e colaborar com o conhecimento já produzido na área. No segundo momento, o contato direto com os sujeitos que são o objeto da pesquisa, ocorrerá através de entrevistas, utilizando o método história de vida. Assim, neste método, o que a pessoa narra é assumido como documento fundamental para a análise dos fatos (Antonio Chizzotti, 2006), conseguindo acesso a informações sobre acontecimentos anteriores, vividos ou presenciados pelo indivíduo que não foram registrados. Por esse método, é a(o) entrevistada(o) quem constrói o retrato da sua vivência (ou ausência) escolar. A partir disso serão apontados os elementos marcantes em comum das histórias de vida, e as particularidades de cada caso.

Compreendendo que há fatores que auxiliam na exclusão e inclusão social, também se analisará, após as entrevistas, quais desses fatores influenciaram ou não a trajetória escolar das pessoas entrevistadas. Através do feminismo interseccional (AKOTIRENE, 2019), compreendemos que raça, classe, deficiência, religião, entre outros fatores, podem potencializar a marginalização social de um indivíduo ou não.



VII Colóquio Internacional sobre Educação Profissional e Evasão Escolar

V Workshop de Educação Profissional e Evasão Escolar

Desse modo, após as entrevistas, serão levantados tais fatores para se comparar quais estavam presentes e de quais formas na história de vida de cada pessoa.

Dessa forma, os procedimentos são:

a) Revisão bibliográfica: levantamento de categorias para nortear e analisar as entrevistas, relacionando com os temas de gênero, sexo, sexualidade e Psicologia Histórico-Cultural;

b) Pesquisa de campo: Para aproximar o pesquisador do seu objeto de estudo, especificamente nos estudos das Ciências Humanas, precisa-se conhecer os atores que correspondem a essa realidade e que são parte do próprio objeto de estudo (MINAYO, 2008).

A proposta de pesquisa é uma entrevista semi-estruturada com um roteiro pré-estabelecido e flexível, na qual se procura investigar como o ambiente escolar ajudou a moldar o entendimento de gênero das participantes, e como isso repercutiu no próprio gênero enquanto travesti ou transexual. O principal objetivo neste momento será ouvir as narrativas, procurando interferir o mínimo possível durante as falas. De acordo com Tim May (2004), o diferencial da entrevista semi-estruturada é que ela permite registrar informações qualitativas sobre o tema, além de que quem entrevista pode explorar conteúdos além das respostas.

c) Análise dos dados: nessa etapa, será realizado um diálogo entre os conhecimentos advindos, por um lado, da revisão de literatura realizada e, por outro, das situações e estratégias relatadas com maior frequência nas entrevistas, através da construção de categorias de análise.

A hipótese era de que, apesar de surgirem obstáculos no cotidiano escolar das pessoas entrevistadas, haveria algum espaço em que se sentissem em segurança. Entre colegas, com pessoas do corpo docente, ou parentes, por exemplo, encontrariam acolhimento na sua dissidência de gênero. Porém, com os resultados obtidos até o momento, através da realização de 3 entrevistas (um homem e duas mulheres transexuais), percebeu-se que nem um mínimo espaço seguro havia na experiência dessas pessoas. As violências (físicas, verbais e psicológicas) eram infligidas em todos os ambientes frequentados, entre a escola, casa, rua, ambientes religiosos etc.



VII Colóquio Internacional sobre Educação Profissional e Evasão Escolar

V Workshop de Educação Profissional e Evasão Escolar

A próxima etapa da pesquisa é terminar as transcrições das outras entrevistas, além de aprofundar a análise através das categorias. Também pretende-se analisar o impacto psicológico dessas experiências na representação de gênero desses indivíduos.

Referências:

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo, Editora Pólen, 2019.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **BOLETIM Nº 01/2021 ASSASSINATOS CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM 2021**. 2021. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/05/boletim-001-2021.pdf>. Acesso em 07 de setembro de 2022.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2006. Petrópolis, RJ: Vozes.

GRUPO GAY DA BAHIA. **MORTES VIOLENTAS DE LGBT+ NO BRASIL – 2019**

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 2004 3ª edição/Porto Alegre - RS. Editora Artmed, 2004.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

OLIVEIRA, M. R. G. **O diabo em forma de gente: (r)existência de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2020 1ª edição/Salvador - BA. Editora Devires, 2020.

OLIVEIRA, E. Cancelamento do Censo do IBGE pode deixar país 'no escuro' sobre número de crianças fora da escola e de analfabetos - Ausência de dados poderá afetar análise de políticas implementadas há 10 anos e planos para ações futuras, segundo especialistas ouvidos pelo G1. 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/04/28/cancelamento-do-censo-do-ibge-pode-deixar-pais-no-escuro-sobre-o-numero-de-criancas-fora-da-escola-e-o-de-analfabetos.ghtml>. Acesso em: 09 de setembro de 2022.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: COSTA, Claudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (orgs.). Poéticas e políticas feministas. Editora



VII Colóquio Internacional sobre Educação Profissional e Evasão Escolar

Mulheres, Florianópolis. 2004.

V Workshop de Educação Profissional e Evasão Escolar

SANTOS, J. C. Homossexualidade e religião: sentimentos e representações sociais. 2014. Revista Científica Faesa. Vitória, ES. v. 10, n. 1, p. 27-33, 2014.

SENKEVICS, A. S.; CARVALHO, M. P. Casa, rua, escola: gênero e escolarização em setores populares urbanos. 2015. Cadernos de Pesquisa. v. 45 n. 158: out./dez. 2015. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/3364>. Acesso em: 09 de setembro de 2022.

SILVA FILHO, R. B., ARAÚJO, R. M. de L. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. 2017. Educação Por Escrito, 8(1), 35-48. <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2017.1.24527>

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein. 2010; 8(1 Pt 1):102-6. Acesso em 02 de setembro de 2022.

TOITIO, R. Sobre a hegemonia heterossexista. Trabalho apresentado no VIII Colóquio Internacional Marx e Engels, Campinas, 2015.U.S.

TOMAZELLI, P. Condições de vida e trabalho de mulheres trans no mundo da prostituição. 2016. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: [CT_COADM_2016_1_12.pdf \(utfpr.edu.br\)](#). Acesso em 22 de agosto de 2022.

